

De Passarinho Com Fôlha Sêca

RUBEM BRAGA

(De um caderno do Marrocos, 1962) — Lembrei-me da quadra famosa de Gonçalves Dias:

«Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá».

É verdade, poeta. Gorjeiam diferente; diferente, mas parecido. Eu diria que a voz, às vezes, é igual; a melodia é que muda. Também as palmeiras são diferentes; são diferentes, mas são palmeiras.

As seis da manhã, em minha casa, em Rabat; depois, um fim de sesta, ainda meio entorpecido pelo sono, no Hotel Mamounia, em Marrakech — grande hotel, com seus imensos jardins seculares, hotel predileto de Winston Churchill, de onde se vêem as tamareiras no primeiro plano e, ao fundo, as alturas nevadas do Grande Atlas — duas vezes tive a impressão de estar ouvindo o sabiá.

Da terceira vez eu não somente ouvi: eu vi. Estava pousado no chão; era um sabiá. Tinha o mesmo tamanho e o mesmo jeito de nosso bom sabiá; apenas o peito era mais claro, com umas pintas escuras. No Brasil há tantos sabiás diferentes que bem podia haver mais este — «sabiá do peito pintado», vamos dizer. Mas os portugueses o chamam de tordo, e os italianos também; para os espanhóis é **zorzal**, para os ingleses é **thrush** e para os franceses é **grive**.

Essas coisas eu aprendi depois de comprar um livro; comprei esse livro porque eu andava intrigado e infeliz, sem saber os nomes dos passarinhos do meu quintal. É certo que não achei a obra que eu procurava, «Pássaros do Marrocos»; nem sei se há. O livro que comprei foi «A First Guide to the Birds of Britain and Europe», livro feito por ingleses e americanos e prefaciado por Julian Huxley; não comprei o original, mas a tradução espanhola, tradução (adaptada) bem espanhola, tanto que o livro passou a se chamar «Guia de Campo de las Aves de España y demais países de Europa».

O estreito de Gibraltar é tão estreito (menos de 5 léguas) que imaginei que muito passarinho que vive de um lado também pode viver do outro; e tinha razão. Olhando as figurinhas do livro fiquei sabendo o nome de todos os passarinhos do meu quintal. O bom livrinho traz o nome científico e depois o nome comum em várias línguas, inclusive o português; não o nosso, é claro, mas o de Portugal, onde sabiá é tordo — do mesmo gênero, da mesma família, apenas de espécies diversas. Vai ver que o poeta estava distraído, ouviu cantar um tordo, teve saudade do sabiá — e fez aquele verso. Não teria, o bom poeta, o costume de espionar passarinhos; nem podia comprar aquele livrinho que eu comprei, para conferir.

Vejo aqui várias figuras de tordos, uns do Sul, outros do Norte da Europa, outros que vivem também na Ásia (como o *turdus naumanni*, que se parece demais com o nosso sabiá-laranjeira) e posso informar aos nossos tradutores de poemas e de romances líricos que tordo, **zorzal**, **grive** ou **thrush**, tudo isso pode ser honestamente traduzido por sabiá, assim como o **robin** americano; ao passo que traduzir pintassilgo por pintassilgo é que pode dar uma idéia errada do passarinho... Mas em outra crônica eu prometo acabar com essa conversa de passarinho.

Conversa de passarinho com fôlha sêca, se dizla antigamente.

M 523
Radio NE-~~1111~~
2.6.62
Quadrante 2

DN-15.7.67

(16.7.67 - w saiu)

310